



**Voltamos de novo a perceber a diferença entre o que é a região urbano-industrial do Noroeste do país e a Área Metropolitana de Lisboa**

**João Ferrão**  
Geógrafo

## O Norte “industrializado” está a registar mais novos casos

**Patrícia Carvalho**

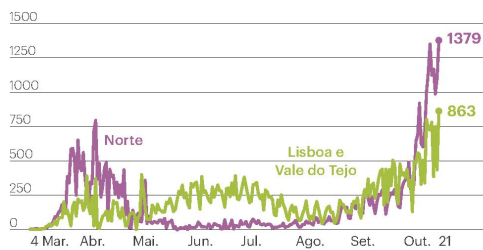
**Na região norte o regresso ao trabalho estará a ser mais presencial, enquanto em Lisboa há maior “incidência” do teletrabalho**

A covid-19 entrou em força em Portugal pelo Noroeste do país, depois parecia concentrar-se muito na região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT) e, nas últimas semanas, está a manifestar-se com mais intensidade nas zonas mais industrializadas do Norte. Porquê? Não há uma resposta única, mas o geógrafo João Ferrão, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, não se mostra surpreendido com a evolução: “As características estruturais do país estão lá, é tudo relativamente previsível.”

Apesar de Lisboa ter sido o concelho com mais novos casos de covid-19 na semana entre 12 e 19 de Outubro, se colocarmos o foco a um nível mais regional, é o Norte que sobressai, com 50,6% dos novos casos nesse período, enquanto em LVT se fica pelos 38,4%. Os números não mudaram olhando para os dados mais recentes da Direcção-Geral de Saúde: o boletim de ontem dava conta que, dos 2535 novos casos registados nas últimas 24 horas, 1379 (54%) estavam no Norte e 34% em LVT – valores que se sentem também ao nível da pressão sobre o Serviço Nacional de Saúde (SNS). O secretário de Estado da Saúde, Diogo Serra Lopes, disse que é na zona da Administração Regional de Saúde do Norte que há mais camas ocupadas, nas enfermarias ou nos cuidados intensivos (ambos os casos com uma taxa de ocupação de 76%), quando a média nacional é, respectivamente, de 72% e 71%.

A pergunta que anda na cabeça de muita gente é por que é que isto está a acontecer. O geógrafo João Ferrão não se mostra surpreendido por o Noroeste ser, de novo, a zona com mais casos de infectados, depois da

Evolução dos novos casos diários registados nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo e Norte



Fonte: DGS

PUBLICO

aparente acalmia durante o período de confinamento e o Verão. Desde logo pelas características de municípios muito industrializados e com muitas interligações, em que está “tudo misturado”, e que continuam iguais. “Voltamos de novo a perceber a grande diferença entre o que é a região urbano-industrial do Noroeste do país e a Área Metropolitana de Lisboa, em que o peso da administração pública e das empresas de serviços é muitíssimo grande e a questão do teletrabalho continua com uma incidência muito forte. Aqui, em muitos casos, o regresso ao trabalho não foi o regresso ao local de trabalho.”

E o facto de as fábricas não terem praticamente parado, mesmo durante o confinamento, não entra em conflito com esta visão, refere. Houve, de facto, uma redução da actividade e muitas empresas recorreram ao *layoff*, o que diminui a pressão dos contactos em muitos locais. “É preciso falar com as empresas desta zona, mas com o aumento das exportações é natural que características que tenham ficado suspensas por causa do *layoff* tenham regressado, com o aumento da capacidade laboral”, refere. Contudo, ressalva, é importante ter uma coisa sempre presente: “A disseminação da doença não é monocausal. O peso relativo de cada causa vai mudando, e as

mais conhecidas estão mais controladas, mas elas coexistem”, diz. O mesmo diz o presidente do Conselho Metropolitano do Porto, Eduardo Vitor Rodrigues, que gostava de ver menos ruído e mais consenso em torno do combate à pandemia. “Temos de nos convencer que o aumento de casos tem uma origem multidimensional, para ir resolvendo cada um dos factores, um a um”, diz. O também presidente da Câmara de Gaia realça o incumprimento das regras como o factor subjacente ao aumento de casos – seja por as empresas e a administração não estarem a aplicar o desfasamento de horários, seja pelos ajuntamentos de jovens estudantes.

O médico de Saúde Pública Bernardo Gomes põe outra questão: “Será que há uma exaustão e uma resistência às medidas de saúde pública?” Mas não é a única. Será que estão a ser cumpridas todas as medidas previstas, nesta zona com um tecido industrial mais rico do Noroeste, com trabalho presencial? Será que houve um reacender de um conjunto de actividades relacionadas com uma maior tradição de agregação familiar ou de participação em eventos de carácter religioso? “São essas perguntas que têm de ser colocadas”, diz.

patricia.carvalho@publico.pt